



Entre desejos e tensões: grafismos no banheiro escolar como estratégias de controle e disciplinamento de corpos sexualizados¹

Between desires and tensions: graphics in the school bathroom as strategies for controlling and disciplining sexualized bodies

Entre deseos y tensiones: gráficos en el baño de la escuela como estrategias para controlar y disciplinar cuerpos sexualizados

Ruan Felipe Carvalho Vilhena²

Assistente Administrativo na Polícia Civil/PA, Abaetetuba/PA, Brasil

Vilma Nonato de Brício³

Professora da Universidade Federal do Pará, Abaetetuba/PA, Brasil

Recebido em: 13/04/2021

Aceito em: 23/04/2021



10.34019/1984-5499.2021.v23.33988

Resumo

Sexualidade e corpo passam por uma tentativa de silenciamento na escola, mas formas de resistências são construídas em espaços outros, entre os muros escolares, porém fora da sala de aula. Este trabalho tem como objetivo problematizar os grafismos nos banheiros das escolas a partir das noções de sexualidade, erotismo e desejos. Experimentamos como metodologia a cartografia deleuzeana para mapear os grafismos nos banheiros fotografados em suas dimensões de sexualidade e de erotismos e como referencial teórico Bataille (1987), Gregori (2006), Foucault (1988) entre outros autores/as. As experimentações analíticas cartográficas nos mostraram que essas expressões grafitadas no banheiro escolar são frutos da transgressão das interdições construídas sobre a sexualidade, o erotismo e os desejos vivenciados por jovens alunos nas escolas.

Palavras-chave: Banheiro escolar. Grafismos. Sexualidade.

Abstract

Sexuality and body go through an attempt to be silenced at school, but forms of resistance are built in other spaces, between school walls, but outside the classroom. This work aims to problematize the graphics in the bathrooms of schools from the notions of sexuality, eroticism and desires. We experimented with Deleuze

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado "Territórios heterotópicos: cartografia dos dispositivos de desejos nos banheiros escolares na cidade de Abaetetuba/PA", desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades/ PPGCITI, (UFPA) sob a orientação da Profa. Dra. Vilma Nonato de Brício. Parte do texto foi apresentado e publicado nos Anais do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: resistências e ocupa(ções) nos espaços de educação, III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e o III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Género, Saúde e Sustentabilidade. <https://seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/images/arquivo/12.pdf>

² E-mail: felipecarvalho.ped@gmail.com

³ E-mail: vilma@ufpa.br

cartography as a methodology to map the graphics in the bathrooms photographed in their dimensions of sexuality and eroticism and as a theoretical reference Bataille (1987), Gregori (2006), Foucault (1988) among other authors. The cartographic analytical experiments showed us that these expressions in the school bathroom are the result of the transgression of the prohibitions built on sexuality, eroticism and the desires experienced by young students in schools.

Keywords: School bathroom. Graphics. Sexuality.

Resumen

La sexualidad y el cuerpo pasan por un intento de silenciarse en la escuela, pero se construyen formas de resistencia en otros espacios, entre los muros de la escuela, pero fuera del aula. Este trabajo tiene como objetivo problematizar la gráfica en los baños de las escuelas desde las nociones de sexualidad, erotismo y deseos. Experimentamos con la cartografía de Deleuze como metodología para mapear los gráficos en los baños fotografiados en sus dimensiones de sexualidad y erotismo y como referencia teórica Bataille (1987), Gregori (2006), Foucault (1988) entre otros autores. Los experimentos analíticos cartográficos nos mostraron que estas expresiones en el baño de la escuela son el resultado de la transgresión de las prohibiciones construidas sobre la sexualidad, el erotismo y los deseos vividos por los jóvenes estudiantes en las escuelas.

Palabras clave: Baño de la escuela. Gráficos. Sexualidad.

Introdução

Este artigo objetiva fazer alguns apontamentos analíticos sobre os aspectos da sexualidade contidas nos grafismos tras(ins)critos nos banheiros de algumas escolas da cidade de Abaetetuba-PA. As instituições modernas, sobretudo as escolas, sempre sentiram a necessidade de controlar os nossos modos de ser, andar, vestir-se, comer, conversar e principalmente como nos relacionamos com as outras pessoas. No que se refere aos padrões impostos em afirmar uma sexualidade hegemônica isso acabou ocasionando que as diferentes sexualidades fossem constituídas cerceando o erotismo, o prazer e a liberdade. Os corpos precisam ser disciplinados e os desejos fora dos padrões demonizados, desta forma instaura-se uma vigilância constante para que a “normalidade” no que se refere sexualidade concebida como correta não seja transgredida.

No entanto, algo curioso acontece nas paredes dos banheiros e mais especificamente no banheiro da escola, neste espaço que é reservado para despir-se e cuidar do corpo físico, surge outro tipo de corpos que se misturam com elementos escatológicos e falam através das suas mensagens grafadas nas paredes. Essas mensagens comunicam uma gama de informações as quais possuem relações íntimas com as sexualidades marginalizadas, os alunos (usamos na maioria das vezes o masculino por analisarmos o banheiro masculino) recorrem aos banheiros das escolas para externalizarem seus desejos que não podem ser vivenciados em outros espaços da escola e fora dela.

Desta forma, o presente trabalho faz algumas análises sobre os grafismos expressados nos

banheiros escolares a partir das noções de sexualidade, erotismo e desejos. Como metodologia, experimentamos a cartografia deleuzeana para diagramar os grafismos nos banheiros fotografados e analisados em suas dimensões de sexualidade e de erotismos. Para Deleuze (2013, p. 113), com a cartografia “Era preciso, não remontar os pontos, mas seguir e desemaranhar as linhas: uma cartografia, que implicava numa microanálise (o que Foucault chamava de microfísica do poder e Guattari, micropolítica do desejo)”. Na cartografia “É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada” (DELEUZE, 2013, p. 113). Nas experimentações de cartografar os grafismos nos banheiros, “Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de ‘a atualidade’” (DELEUZE, 2013, p. 113). Seguimos os movimentos dos grafismos nos banheiros, na tentativa de desemaranhar as linhas que os constituem como estratégias de controle e disciplinamento de corpos sexualizados, assim como as linhas de resistências.

O referencial teórico construído por Bataille (1987), Gregori (2006), Foucault (1988), Guattari; Rolnik (1996) entre outros autores/as permitiu transversalizar as análises, possibilitando que as experimentações cartográficas nos mostrassem que essas expressões grafitadas nos banheiros escolares são formas de controle e transgressão das interdições construídas sobre a sexualidade, o erotismo e os desejos vivenciados por jovens alunos nas escolas⁴.

Este texto está organizado em dois tópicos; no primeiro analisamos o banheiro, contextualizando-o como territórios que compõem uma multiplicidade, evidenciando os grafismos constituídos como *locus* e *corpus* de análise, destacando que tais inscrições expressam as formas de resistências aos controles da sexualidade; no segundo tópico problematizamos o desejo sexual trans(ins)crito no banheiro escolar e os investimentos de poder disciplinar e as formas de resistências. Dar visibilidade aos debates sobre a sexualidade na escola, mas fora no âmbito curricular e pedagógico do espaço da sala de aula, possibilita evidenciar que a sexualidade não fica fora dos muros escolares como muitos pais/mães, professores/as pensam, assim como permite evidenciar os mecanismos de disciplinamento e subversão dos padrões hegemônicos de corpo, sexualidade e erotismo.

⁴ Denominação dada por Gustavo Barbosa, em seu livro *Grafitos de Banheiro* publicado em 1984. Nesse tópico me referirei às mensagens de banheiros usando essa expressão, pois foi como lhe compreendia inicialmente.

Contextualizando e (re)significando o banheiro e os grafismos como *locus* e *corpus* de análise

Banheiro. Território denso, íntimo, enevoado e ambíguo. Sua composição pode ser capaz de proporcionar êxtase em nossos sentidos, advindos de essências florais e louças cujo branco reluz aos olhos. Mas, em contrapartida é capaz de causar repugnância, onde o branco cede lugar para excrementos fecais, essências florais para odor de urina, e as paredes através de um grito mudo trazem à tona o “diálogo oculto do desejo” (COUY, 1967, p. 27).

Pensar nos grafismos como objeto de estudo para muitos seria uma coisa absurda, pois se tem uma visão reducionista ou simplista sobre eles, a ponto de entendê-los como produção de vandalismo. Daí emerge a necessidade de questionar e (re)problematizar esse objeto de modo que se criem produções de sentidos para o que antes havia sido estabelecido como “normal”. Em se tratando de grafismos de banheiros escolares o estranhamento de tomá-lo como objeto de pesquisa é maior ainda, pois não só o banheiro é um espaço insignificante na escola para ser tomado como *locus* de pesquisa, assim como o que se produz nele é considerado irrelevante, desprovido de valor.

Ao tomar os grafismos de banheiros escolares como objetos de pesquisa, trata-se de analisar as construções de significados subjetivos que se entrecruzam com as sexualidades e que são construídos nas mensagens e desenhos trans(ins)critos nas paredes dos banheiros. Porém, não se trata de buscar uma verdade “absoluta”, sobre o mesmo, uma vez que Marisa Vorraber nos alerta que pesquisadores/as: “vêm correndo o risco de se encurralarem em outro campo minado que é o da afirmação da possibilidade de um saber emancipatório, desideologizado, mediador de todos os discursos, verdade verdadeira” (COSTA, 2002, p. 15). Desta forma, colocar uma pesquisa no plano de procura de uma verdade absoluta é afirmar um saber que subjuga e estereotipa os indivíduos, uma vez que toda relação de poder é construída em época específica.

Outro fator necessário que é importante destacar para contextualizar o banheiro e entender o banheiro escolar como um território que nem sempre é apenas solitário, se dá pelo fato de que historicamente esse ambiente que geralmente tem sua arquitetura mais afastada dos outros ambientes da casa, ou de lugares públicos e privados foi destinado a prática de higiene como se acredita que seja, ou como outrora fora concebido como lugar de purificação.

Parece que os primeiros banheiros surgiram com a finalidade de servirem como local onde os indivíduos pudessem se lavar. Daí serem freqüentemente chamados “Casas de banho”. Desde a Antigüidade havia construções destinadas ao banho, que remontam a 1700-1200 a. C. Aí, o cuidado com a arquitetura e o sistema de distribuição de águas era indispensável (COUY, 2005, p. 37).

Segundo a afirmação de Venus Couy, apesar dos banheiros públicos terem se tornado lugar marginal, na Grécia antiga esses locais de banhos públicos tinham importante função na vida diária das pessoas, porém, na Roma antiga foi onde a prática de banho público acabou adquirindo fama e prestígio pelo que era conhecido como termas. As termas eram locais onde os romanos realizavam suas práticas higiênicas, visto que, naquela época ainda não existiam nas residências as instalações para o cuidado com o corpo como existem atualmente.

As termas nesse período também tinham outra função diferente da prática de higiene, “Mas, além de servirem como lugar de se fazer a limpeza, os banhos eram verdadeiros pontos de encontro” (COUY, 2005, p. 38). Práticas como comércio e realizações de reuniões contribuíram para que a sua principal função não acontecesse da forma que deveria e acabou ocasionando que esse espaço se tornasse ponto de prostituição. O banheiro mais tarde torna-se lugar de clausura e reclusão para indivíduos detidos e condenados a passar o resto de seus dias, trancafiados de forma que se ficasse sem qualquer contato com o mundo exterior, tal qual em *Salò* ou os 120 dias de Sodoma de Pasolini⁵.

Nesta produção perturbadora que é capaz de deixar qualquer pessoa enojada física e moralmente os quatro libertinos do filme se enclausuram em um castelo para a realização e satisfação de desejos sexuais aberrantes. Os libertinos são representados por um bancário (representação do poder econômico), um bispo (este representa a igreja), um duque (nobreza) e um juiz (personifica o poder judicial), que executam várias formas de atos sádicos e torturas que eles denominaram de “os círculos” nesse período de 120 dias. Os círculos se dividem em: círculo *de Manias* onde experimentam prazeres sexuais incomuns; círculo *de Fezes* obrigando os seus prisioneiros às práticas escatológicas e a comerem as fezes e, por final, o círculo de *Sangue* torturando, mutilando e assassinando os prisioneiros que não se adequaram no que eles chamaram de Escola da Libertinagem.

O filme (re)apresenta de forma bem objetiva o que a imaginação é capaz de produzir no momento em que a luxúria é isolada do mundo externo de acordo com o pensamento sadiano. Não é à toa que os segredos na maioria das vezes são comparados com lugares sombrios, de difícil acesso ou até mesmo ocultos. Assim como na reclusão dos libertinos em *Salò*, é no banheiro escolar, espaço quase sempre associado como imundo e de bagunça que desejos perturbadores e inquietantes são externalizados por meio dos grafismos produzidos por jovens estudantes.

⁵ Pier Paolo Pasolini foi um cineasta, poeta e escritor italiano. O filme *Salò* ou os 120 dias de Sodoma foi dirigido em 1975, inspirado no livro *Os 120 dias de Sodoma* do Marquês de Sade.

Sendo o banheiro e, principalmente o banheiro da escola, um lugar de grande e constante trânsito e entendido como espaço oculto, é que existem as possibilidades de transgressões sendo ele em alguns dos casos através dos contatos físicos uma forma íntima das pessoas com o próprio corpo. Na escola existe a grande preocupação e o cuidado com os corpos juvenis. Por meio de técnicas disciplinares analisadas por Foucault (1987) que atuam para *vigiar e punir* os estudantes que vivem sobre o controle onde os que tentam violar as regras da escola são enfaticamente corrigidos.

Dentro do contexto dos grafismos de banheiro analisamos a transgressão como a exposição das coisas do corpo por meio da escrita e do desenho, essas expressões do desejo são consideradas como perigosas, imorais, obscenas e nojentas pelo fato da representação sexual e escatológica que não pode ser exibida publicamente, apesar de que essas funções que são naturais estão presentes em cada ser humano, elas devem ser feitas intimamente longe dos olhos de terceiros. Em linhas gerais, tudo isso é a transgressão contida nos grafismos de banheiros escolares que abarcam escatologias sexuais como forma de subversão obscena da moral.

O ambiente do banheiro proporciona práticas subversivas onde o corpo consegue ter a possibilidade de manifestar seu fulgor, de despir os desejos da carne/mente nesse espaço. Nas palavras de Sade citado por Bataille (1987, p. 10) “infelizmente, não há nada mais seguro que o secreto”. Desta maneira, o banheiro torna-se um território que oportuniza com que indivíduos expressem sem qualquer tipo de identificação seus desejos sexuais por meio de inscrições grafadas nas paredes dos banheiros escolares.

Entretanto, o banheiro com suas curiosas inscrições e sujeiras torna-se lugar de vigilância e controle. Vai ser necessário limpar e desinfetar os desejos e prazeres da carne, será necessário expurgar a (im)pureza resultado da imaginação de corpos desejantes que revelam suas intimidades e que para os mais conservadores causam mal-estar social. E assim, o combate não seria apenas da sujeira no sentido literal da palavra, mas a sujeira que é capaz de infectar e provocar danos considerados irreversíveis na subjetividade das pessoas que dela venham fazer uso.

Foucault vem dizer que “Nestes temas de vigilância, e particularmente de vigilância escolar, parece que os controles da sexualidade se inscrevem na arquitetura. No caso da Escola Militar, a luta contra a homossexualidade e a masturbação é contada pelas próprias paredes” (FOUCAULT, 1979, p. 213). É bastante comum a partir dessa assertiva de Foucault perceber o quanto a escola tenta vigiar os seus espaços por meio de técnicas militares de controle do corpo e da subjetividade, seja por meio de cartazes que ensinam formas corretas de se portar ou pelo controle do fluxo de estudantes que usam o

banheiro escolar. Foucault explica que sempre houve um interesse em controlar o corpo dos sujeitos em diferentes momentos históricos utilizando diferentes práticas que vão se aprimorando com o passar dos tempos.

Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, *grosso modo*, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos atitude, rapidez; poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício. A modalidade enfim: implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (FOUCAULT, 1987, p. 118).

Os processos disciplinares nas escolas acontecem desde muito tempo como forma de domínio dos corpos e das subjetividades de estudantes. As disciplinas no campo escolar têm como finalidade ensinar métodos de cuidado e domínio do próprio corpo, visando mais do que o estímulo e aumento de habilidades, mas a concepção de corpos que sejam obedientes e úteis. Desta forma, criam-se políticas de coerção laboriosa sobre o corpo manipulando seus gestos e comportamentos, transformando o corpo numa máquina com investimentos de poder.

Cada indivíduo deve ocupar seu devido lugar dentro da escola, a divisão da arquitetura tem como finalidade separar o contato descontrolado de pessoas para que não haja abordagens e comunicações perigosas que é imprescindível para a disciplinarização do corpo. A vigília dos comportamentos deve ser constante para que se possa “conhecer, dominar e utilizar” (FOUCAULT, 1987, p. 123), de maneira adequada os corpos juvenis. A disciplina que promove o controle possibilita a organização do espaço escolar, em termos físico, social, pedagógico e subjetivo.

Na maioria das vezes o banheiro consegue escapar da vigilância disciplinar por se tratar de um território íntimo, embora a maioria tenha uma arquitetura que permite a visualização de quantas pessoas estão em cada cabine do banheiro escolar ou outro banheiro público, assegurando que ele não seja lugar de encontro sexual. Adentrar esse espaço forma dos padrões normalizados para seu uso geraria polêmica dentro da escola e sanções normalizadoras. Por isso, de certa forma o banheiro assegura as práticas de grafismos. As inscrições nas paredes desejam ardentemente exibir o corpo e seus desejos sexuais, os desejos de forma inconveniente e indesejável para os mais conservadores que leem não passam de ameaças ao pudor e a decência, pois essa forma como é descrita as práticas e os

desejos sexuais provocam nojo as sensações e sentidos do corpo e da alma. Os prazeres da carne deveriam ser revelados na intimidade do momento de conjugação carnal e não expostos de forma secreta no ambiente do banheiro.

O secreto neste contexto situa-se no campo da fuga e da resistência das vibrações das inscrições nas paredes como um ato de transgressão, pois vivemos em uma sociedade que constantemente tenta normalizar as formas de sexualidade das pessoas dentro de padrões hegemônicos. É necessário (re)pensar o banheiro das escolas não mais como um lugar solitário e de junção de (im)purezas, mas como espaço de exibição de corpos fragmentados que exprimem desejos eróticos e sexuais que precisam ser (re)significados.

É importante salientar que este estudo não se trata das representações de como o banheiro escolar é dividido em masculino e feminino, mas sim das identidades sexuais que as mesmas apresentam em seu conteúdo. De certa forma, os grafismos atraem e seduzem os olhos para cenas românticas, ou na maioria dos casos para vivenciar prazeres sexuais em meio ao binarismo limpeza/impureza do ambiente do banheiro.

Fixar o olhar nessas mensagens muitas vezes é como penetrar nas partes mais sinceras dos pensamentos e desejos que o corpo subjetiva e trans(ins)creve nas paredes quase secretas do banheiro escolar. Certamente que esses grafismos não são inocentes em seu conteúdo, o fato é que essas mensagens de caráter sexual são capazes de causar reações sejam elas de repulsa ou de excitação em quem as lê.

O olhar fixo e minucioso é necessário para se ter uma boa impressão no sentido de compreender os detalhes que compõem os grafismos e maiores entendimentos do contexto social e cultural ao qual os sujeitos estão inseridos por meio das expressões da subjetividade que são demonstradas como neste caso através dessas mensagens. As identidades sexuais ficam claras ao serem reconhecidas em meio ao desejo compartilhado secretamente no banheiro escolar.

Partindo desse pressuposto é que, a seguir, salientamos a importância de analisar as formas e manifestação do corpo, subjetividade e desejo dentro do banheiro das instituições escolares.

O desejo sexual trans(ins)crito no banheiro

“Por que, afinal, escrevem-se grafitos? [...] Que ambiente é esse – genuíno e escatológico - que permite uma intimidade secreta das pessoas com o seu corpo e também com a sua escrita?” (COUY,

2005, p. 30). Esse questionamento me instigou a pensar o banheiro e os grafismos como um *lócus* e *corpus* de análise onde se pudesse problematizar esse espaço como lugar de expressão, de transgressão e de desejo.

Essa prática é bastante presente nas instituições escolares, visto que os jovens alunos/as em sua maioria estão passando pela fase da adolescência onde os mesmos são constantemente invadidos por desejos sexuais e informações sobre as sexualidades. E, portanto, ao ser observado, o banheiro escolar mostrou-se mais ativo para essas manifestações. Suas informações apresentam em seu âmago anseios, desejos, frustrações, angústias, pênis, vaginas, atos sexuais, corações, números de contato, desenho de pessoas, palavras obscenas, declarações ou acusações de desejos entre outros. Eles são diversos e as formas que se apresentam nos banheiros das escolas possuem modos próprios de representar os desejos de cada sujeito transgressor.

O banheiro possibilita exprimir desejos contidos fora das regulamentações sociais, de forma que há neste caso possibilidades de rompimento com a fronteira da moralidade. Por meio dos grafismos os desejos habitam na fronteira entre o público e o privado, onde se percebem formas de experimentações da sexualidade de forma tida como inadequada no espaço público e a transgressão sobre a outra no espaço privado. A sexualidade é compreendida neste trabalho segundo a concepção de Foucault que faz a seguinte afirmação:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 116-117).

Para Foucault, a sexualidade é um marcador construído historicamente e elaborado discursivamente pelas classes favorecidas economicamente, buscando afirmar a verdade sobre o sexo e o cuidado com o corpo. Posteriormente, esses discursos foram impostos para o resto da sociedade objetivando o controle da natalidade, a moralização das classes menos favorecidas ou marginalizadas tornando-se uma política de sexualidade, na qual as relações de poder em exercício constituem práticas de controle e de resistências. Para o autor, a junção de elementos anatômicos, funções biológicas, sensações e prazeres possibilitaram que se tivesse uma noção sobre o que é a sexualidade para além das noções biológicas.

O conceito de dispositivo associado com a ideia de estratégias conota uma correlação de forças, onde entram em ação relações de poder. Desta forma, por meio desse dispositivo o poder se exerce

pelas estratégias para formação apoiados em saberes como religiosos, morais, científicos e filosóficos que são impostos discursivamente como verdades absolutas. A sexualidade passa a ser um marcador constituído por vários instrumentos que se tornam dispositivos de saber e poder sobre o sexo visando o seu controle e normalização principalmente se tratando do corpo da mulher, do sexo da criança por meio da pedagogia, enfatizando a procriação e a interdição dos prazeres perversos através do saber psiquiátrico (FOUCAULT, 1988).

Cabe dar ênfase ao discurso religioso que a partir dele cria-se o discurso do sexo e dos desejos como pecado, e a condenação da alma que perdura e reprime os indivíduos a longa data. Técnicas como o exame de consciência, ou a confissão como conhecemos comumente tinham o importante papel de examinar e transformar em discurso os segredos da carne. Era necessário que afastasse os prazeres carnis da consciência para que os indivíduos não desviassem dos trilhos da salvação. O discurso de condenação da alma não se aplicou inicialmente ao sexo, mas sim ao corpo como objeto e instrumento de manifestação dos impulsos dos desejos pelo fato das sexualidades por muitas vezes, manifestarem-se de maneira peculiar (FOUCAULT, 1988).

A excitação que impulsiona seus desejos o colocaria numa situação de animal irracional diante do seu desejo. As forças dos desejos sexuais tornam-se um mundo no qual homens e mulheres devem lutar constantemente contra essa energia que é vista como perigosa. Um mundo no qual é constantemente apresentado como primitivo e repleto de forças brutas que o homem não consegue controlar.

O desejo aparece como algo *flo*, meio nebuloso, meio desorganizado, espécie de força bruta que precisaria estar passando pelas malhas do simbólico e da castração segundo a psicanálise, ou pelas malhas de algum tipo de organização de centralismo democrático – fala-se, por exemplo, em “canalizar” as energias dos diferentes movimentos sociais – segundo outras perspectivas. Poder-se-ia enumerar uma infinidade de tipos de modelização que se propõem cada um em seu campo, a disciplinar o desejo (GUATTARI, 1996, p. 215).

Compreendemos que a liberdade sexual sem limites se torna uma violência impulsiva. Porém, na medida em que o homem vai adquirindo conhecimento, passa a criar uma conduta regida por regras, ou seja, de acordo com seu momento histórico, o homem sente-se na obrigação de esconder o impulso do seu desejo sexual. Dessa maneira, a sexualidade fica restrita geralmente aos olhos privados do cotidiano, pois formas de expressão do desejo sexual que se diferenciem das entendidas como normais devem ser condenadas, suprimidas e extinguidas para que esse “mal” não contamine os corpos

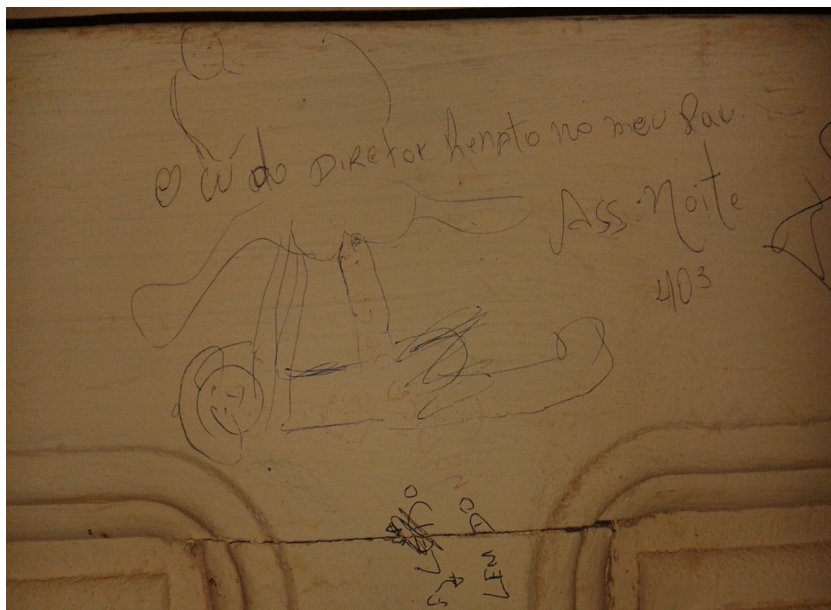
daqueles que adoram o mesmo de maneira fanática como um templo e que lhe garantirá a salvação da alma.

Em se tratando dos grafismos no espaço privado do banheiro é bem comum encontrar formas de desejos que se diferenciam das hegemônicas, em outras palavras, os desejos que são expostos nas paredes são marginais e a cada leitura que se faz, a pessoa que lê tais inscrições acaba involuntariamente mergulhando por meio da imaginação, criando ou recriando a mensagem que o locutor quer repassar através dessas inscrições, ou seja, a mensagem de desejo marginalizado pode também ser vivenciada de forma subjetiva por aqueles que as leem.

Os grafismos tratam das polêmicas possibilidades de desejo sexuais e conseguem abarcar em suas mensagens a conflituosa relação heterossexualidade/homossexualidade no contexto do banheiro. Os conteúdos dos grafismos expressam aquilo que a norma quer interditar por se tratar de uma ameaça aos padrões heteronormativos. A “heteronormatividade” analisada por Michael Warner “é a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” (BRITZMAN, 1996, p. 79) e tem como referência o binarismo homo-heterossexualidade. Os grafismos transgridem as normas heteronormativas de sexualidade.

Palavras e palavrões, encantos e desencantos, amor e ódio e por aí vai. A morada dos grafismos abriga uma imensa variedade de relatos das vivências de muitas pessoas. Vivências que não são bem vistas aos olhos da “moral e dos bons costumes”. Os grafismos que se enunciam nas paredes, portas e louças sanitárias possuem grande necessidade de tornar pública anonimamente sua intimidade.

Figura 1
Desejos da noite



Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2015).

Esta imagem foi registrada da porta da cabine do banheiro masculino de uma escola de Ensino Fundamental e Médio do Município de Abaetetuba. Nesse grafismo, feito supostamente por um aluno, demonstra-se o desejo sexual que está sendo subjetivado por ele, como fica expresso na sua mensagem: “O cu do diretor ... no meu pau ASS: noite 403”. Neste caso, a palavra “pau no cu” evidencia as relações de poder e a transgressão na relação entre aluno e o diretor da instituição. Por meio da imagem percebem-se intenções de flagelação, destruição anal e descorporificação do corpo do indivíduo.

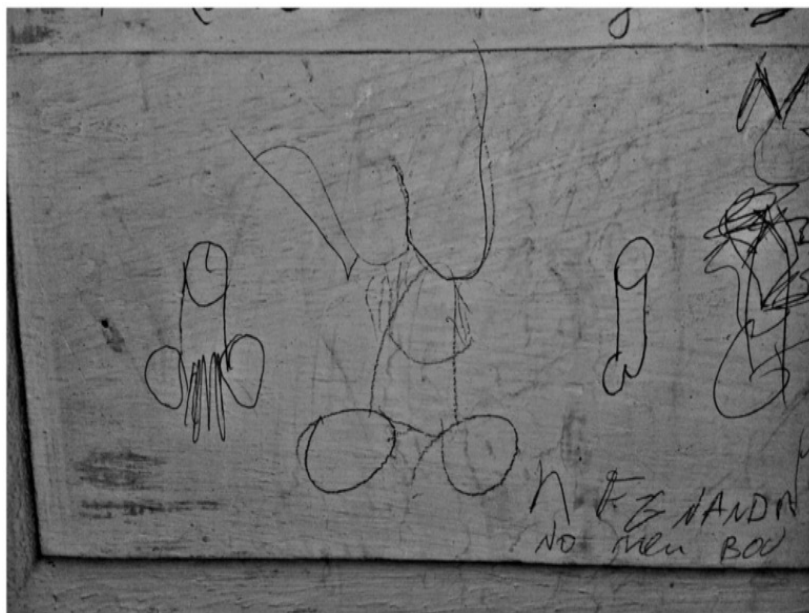
A linguagem dos grafismos quer provocar sarcasmo nos conceitos morais das pessoas. Nele não há espaço para meias palavras ou sedução a troco de nada, o que se pretende é a qualquer custo tornar realidade o fluxo compulsivo de prazeres carnis que causam convulsão no corpo sem o menor pudor. É a procura ativa do ápice da excitação.

O mundo degradado não pode se servir do que ele próprio cria. A linguagem suja exprime o ódio. Mas dá aos amantes no mundo honesto um sentimento próximo àquele que antigamente deram a transgressão e, depois, a profanação. A mulher honesta dizendo ao homem que a abraça: “Gosto de tua...” poderia dizer depois de Baudelaire: “A volúpia única e suprema do amor está na certeza de se fazer o Mal”. Mas ela já sabe do erotismo que ele não é o Mal em si mesmo (BATAILLE, 1987, p. 91).

Tendo em vista que essa linguagem muitas vezes causa desconforto moral como no caso dos grafismos que contém conteúdos pornográficos, que enfatizam a ligação estrita com o sexo explícito, que são considerados como vulgar, obscenos demais para os olhos da sociedade hegemônica ocidental. Porém, não deixam de ser temas ligados à sexualidade. Segundo Bataille (1987, p. 89), “O cristianismo

elaborou um mundo sagrado, donde estão excluídos os aspectos horrendos e impuros”. Ou seja, o aspecto sagrado “puro”, era de suma importância para a igreja e que por sua vez encontrou no erotismo uma forma de implantar a repressão, criando a ideia de pecado, punição e culpa.

Figura 2
Pênis



Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2015).

Neste grafismo que foi registrado também da porta da cabine do banheiro masculino da mesma escola percebe-se quatro pênis sendo que um foi riscado. O segundo pênis da esquerda para a direita mostra uma relação sexual anal. É bastante comum encontrar desejo explicitando relações sexuais, principalmente referenciando-se às práticas de relações anais. O desejo sexual também é fantasiado pela orgia que não deixa de ganhar espaço dentro do contexto dos grafismos nos banheiros, pois muitas mensagens transmitem um sentido pejorativo quando são relacionados aos órgãos genitais e/ou atos sexuais.

Além disso, ao lidar com a sexualidade nas suas expressões eróticas, estamos diante de experiências que mobilizam fantasias e fantasmas: situações, referências, imagens, fragmentos de memória e sensações que, mesmo sedo gestados em torno e no campo das normas, apontam para além delas. As fantasias não são o oposto da realidade (GREGORI, 2016, p. 195).

E é aí que em seu santuário o corpo propriamente dito surge, ou parte dele. Ele se coloca em cena. Ele se constitui através de desenhos. Ele vem justamente para expor aquilo que está oculto. Os grafismos através de fantasias demonstram-se “vulgar para os olhos” capazes de despertar sensações

de luxúria. O imaginário é acionado por meio da não aceitação da violência que o real impõe contra a sexualidade. É o desejo de escapar da existência e experiência brutal que são impostas impossibilitando formas de viver o objeto de desejo. Refugia-se no fantasma do desejo e exprime-se por meio dos grafismos.

No santuário da sacanagem, os grafismos pornográficos são tidos como maravilhosas obras de arte porque estão ligados à sexualidade e por representarem aquilo que está na mente do sujeito, diferente se fosse exposto no mundo exterior onde a pornografia está constantemente ligada simplesmente ao consumismo. O corpo através das suas relações de amor e desejo fica fragmentado e grafado através de desenhos rústicos em atos sexuais que ficam registrados como algo estranho, mas que ao mesmo tempo é desejado através da sua materialização na parede. E então temos a substituição do corpo grafado por símbolos para o corpo representado através de desenhos que representam sua materialidade. De forma que as palavras servem somente para nomear as partes genitais ou atos sexuais.

A forma escrita da palavra pornográfica reserva nela características obscenas sem extinguir a representação visual, de modo que o texto escrito nos dá outra visão do ato em que se deseja colocar em questão, diferente do desenho que produz de primeiro momento a visão desejada. A palavra nos instiga duplamente na reprodução do ato em nossas mentes, pois, se eu leio, conseqüentemente, eu imagino.

Essas inscrições expressam não somente o corpo e atos sexuais, mas há por trás o exibicionismo que se revela por meio dos desejos sexuais resultados da exposição na qual são exibidos pelos corpos no momento da transa, motivando que a libido de quem as observa através das descrições explícitas seja na menor das hipóteses provocada.

Considerações provisórias

Vivemos em um mundo, em que constantemente há uma reprovação diante daquilo que está fora dos padrões, sempre historicamente buscou-se formas de tornar normais as “anormalidades” e, incansavelmente, buscou se controlar e normalizar o corpo (inclusive a mente) dos indivíduos e isso se deu, muitas vezes, pelo discurso religioso da salvação da alma. Mas, como em qualquer interdição, sempre há a possibilidade de serem transgredidas, por homens e principalmente por mulheres que mais

sofriam/sofrem com os castigos do corpo violaram/violam as técnicas de controle e maquinação do corpo.

É na parede do banheiro da escola que a sexualidade e os desejos sexuais se revelam. Esses espaços situam-se em partes mais isoladas e solitárias, em seu interior pode-se ouvir subjetivamente um grito mudo em busca das realizações dos seus prazeres tentando envolver os expectadores para que leiam suas histórias repletas de sedução. Seria o banheiro da escola um espaço promotor de libertinagem, ou de um território canalizador de sexualidades reprimidas? Para os mais conservadores nada passa de garranchos indecentes feitos por vândalos em meio a tantas outras porcarias escatológicas que só servem para causar horror aos sentidos morais e olfativos além de gerar mais trabalho para a equipe de limpeza.

No banheiro das escolas, em cada compartimento, se tem um convite ou uma história para contar, em cada canto há um corpo fragmentado que busca encontrar suas partes perdidas em meio a tantas outras que também buscam unir-se com as suas. Qualquer que seja a forma que eles se revelem, haverá sempre um fundo de verdade do que está sendo confidencializado. Essa confidência é o desejo, e é a busca daquilo que lhe está sendo falho em seu sentido íntimo, é o desejo do eu suprimido em palavras transcritas na parede do banheiro.

Os corpos que procuram loucamente realizar e satisfazer seus desejos mais obscenos e ocultos, sem medo, sem pudores, sem censura, sem medo de gozar daquilo que realmente gostam. Qualquer que seja a forma que eles se revelem, haverá sempre um fundo de verdade do que está sendo confidencializado. Essa confidência mostra-se como desejo, como a busca do seu sentido íntimo, é o eu suprimido em palavras transcritas nas paredes dos banheiros.

Grafitar as paredes dos banheiros serve como uma estratégia segura para expressar as sexualidades e os desejos sexuais, revelando fantasias libidinosas e obscenas que, muitas vezes, prendem a atenção daqueles que passam apenas para fazer uso comum dos banheiros. De qualquer forma, este ato de transgressão da interdição dos desejos e da sexualidade que é imposta pela sociedade hegemônica e conservadora, não deixa de ser uma poesia que traz consigo histórias de variados desejos clandestinos, que são disfarçadas no mundo exterior, mas que transformam o banheiro numa obra viva daquilo que só pode ser vivido no secreto.

Referências

- BARBOSA, Gustavo. **Grafitos de banheiro**: a literatura proibida. Rio de Janeiro: Anima, 1986.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&M, 1987.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-96, jan./jun., 1996.
- COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- COUY, Venus. **Mural dos nomes impróprios**: ensaio sobre grafito de banheiro. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.
- GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos**: erotismo, gênero e limites da sexualidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.